



## POEMAS COM PLANTAS, PRÁTICAS METAMÓRFICAS

### *POEMS WITH PLANTS, METAMORPHIC PRACTICES*

Aline Dias<sup>1</sup>

DAV UFES

#### **RESUMO**

Este artigo aborda um conjunto de trabalhos artísticos agrupados sob o circunstancial título *poemas com plantas* e que assentam-se em uma série de experiências de leitura e escrita, edição e publicação formuladas a partir de encontros vegetais entre 2020-23. Além de compartilhar os trabalhos e os processos de produção destas publicações de artista, o artigo estabelece diálogos com a produção artística, literária e teórica, referenciando autores como Isabelle Stengers e Emanuelle Coccia. A partir dos trabalhos e da reflexão que o acompanha, pretende-se assumir a produção poética e artística como práticas metamórficas.

**Palavras-Chave:** Produção poética e artística. Práticas metamórficas. Plantas. Experiências de leitura e escrita. Publicações de artista.

#### **ABSTRACT**

*This article focuses on a set of artistic works grouped under the circumstantial title “poems with plants” and which are based on experiences of reading and writing, editing and publishing formulated from vegetal encounters between 2020-23. In addition to sharing the works and production processes of these three artist’s books, the article also establishes dialogues with art, literature and philosophy, referencing authors such as Isabelle Stengers and Emanuelle Coccia. From the art works and the reflection that accompanies it, this study aims to assume poetic and artistic production as metamorphic practices.*

**KEYWORDS:** *Poetic and artistic production. Metamorphic practices. Plants. Reading and writing experiences. Artist’s books.*

*O meu eu, o eu, é frágil, muda e fica,  
é uma planta.  
(Lopes, 2009, p. 418)*

---

<sup>1</sup> Aline Dias é artista e pesquisadora. Doutora em Arte Contemporânea, Universidade de Coimbra. Mestre em Poéticas Visuais, UFRGS. Bacharel em Artes Plásticas, UDESC. Professora Adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Contato: [aline.m.dias@ufes.br](mailto:aline.m.dias@ufes.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0087-4934>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0273232480307407>



Este artigo aborda três trabalhos artísticos agrupados sob o título provisório de *poemas com as plantas* neste espaço discursivo que integra e apresenta parte das reflexões iniciadas no projeto de pesquisa *Pensamento vegetal, práticas metamórficas: filme e escrita em artes* realizado em âmbito de pós doutorado no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina sob a supervisão e superescuta de Raquel Stolf e que tem continuidade no projeto de pesquisa *Filme e Escrita em Artes: Práticas Metamórficas* por mim coordenado e vinculado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo.

O texto assenta-se em uma série de experiências de leitura e escrita, edição e publicação realizadas entre 2020-23. Além de compartilhar os trabalhos e os processos de produção deste conjunto de três publicações de artista (o longo poema-publicação *quebra-pedra*, a série de seis *poemas com as plantas* integrantes da publicação *invasoras* da artista Raquel Garbelotti e *sem título – árvore*, uma experiência tipográfica em processo), pretende-se articular uma defesa da lentidão e assumir a produção poética e artística como práticas metamórficas.

### **Com as plantas: produção artística como prática metamórfica**

As atividades de leitura e escrita estão intensamente presentes no meu processo artístico e na docência, incluindo experiências de ensino e extensão<sup>i</sup>. No âmbito da pesquisa, além dos já citados projetos, destaco a produção dos artigos “Quando eu leio, respiro” (Dias, 2021) analisando a presença da escrita-leitura na produção da artista Roni Horn e sua conexão com a poesia de Emily Dickinson e “ela dorme (ao redor do sono); ela lê (sem contorno: como a água)” (Dias, 2022) abordando dois trabalhos videográficos que realizei a partir da observação-filmagem de estados de sono e de leitura, protagonizados por uma aluna que dorme e minha filha que lê, contextualizando os projetos curatoriais-editoriais que acolheram estas obras.

Tendo como referência esta produção antecedente, o ponto de partida conceitual para abordar *poemas com plantas* envolve pensar escrever-ler como espaço-tempo para metamorfose<sup>ii</sup>, experiência que se opõe à síntese ou representação. Tomo as



práticas de leitura e escrita (assim como de ver, fazer e pensar filmes) como agenciamentos de metamorfose dialogando com o pensamento de Emmanuelle Coccia e Isabelle Stengers. O pensamento que Emmanuelle Coccia desenvolve, sobretudo nos livros *Metamorfoses* e *A vida das plantas: uma metafísica da mistura* permite abordar a leitura-escrita como metamorfose, ou seja, como um processo de trocas mutuamente implicadas que transformam o sujeito que escreve, bem como o espaço ao seu redor e seus potenciais leitores. Para o autor, os agenciamentos de metamorfose questionam a lógica proprietária e identitária, visto que todos os seres somos compostos, habitados e atravessados por alteridade. A metamorfose faz de nós sujeito, objeto e meio de transformação. Coccia (2020) argumenta que somos *composições* que envolvem tanto as coabitações e relações que constituem cada espécie quanto as muitas outras espécies que precedem cada forma viva. Como uma espécie de montagem, sublinha o autor, somos produtos e agentes de metamorfoses.

Referenciando Gilles Deleuze, Isabelle Stengers (2017) propõe que a escrita se afaste da representação e assuma sua condição metamórfica, compreendendo a escrita como abertura à indeterminação, apropriação corporal que, *frustra* quaisquer *intenções pré-formadas*, em prol de agenciamentos e conexões que *animam* as ideias. A autora afirma que “escrever é uma experiência de transformação metamórfica”, insistindo que “escrever nos faz sentir que as ideias não são do autor, mas que elas exigem uma espécie de contorção cerebral, isto é, corporal, que frustra quaisquer intenções pré-formadas” (STENGERS, 2017, p. 10). Evocando estas ressonantes imagens de contorção e de apropriação impessoal das ideias, Stengers acrescenta, entre parênteses que: “(essa contorção nos torna larvas, como escreveu Deleuze)”. O aguçado texto de Stengers, intitulado “Reativar o animismo” (2017) defende a construção de pontes (enquanto outros *adoram dividir e classificar*), como forma de tecer “relações que transformam uma divisão em um contraste ativo, com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento”. Fazer pontes, ela escreve, é *uma prática situada*. Assim, como uma *força animada*, o texto que lemos nos convoca e interroga, sinalizando a capacidade de o passado afetar o presente.



A noção de uma prática metamórfica envolve fazer a escrita operar (e não definir, reduzir). Nos trabalhos aqui abordados, em particular, escrever envolve um esforço por repensar os encontros e processos de (des)(in)domesticação nas relações entre plantas, pessoas, filmes, leituras e formas de convívio.

A ancoragem destes poemas (e de sua abordagem artística e ensaística) em uma perspectiva do vegetal encontra interlocução em Francis Ponge e Stefano Mancuso, incluindo o desejo de uma *virada vegetal*, como nomeada por Coccia. Inclui também o desejo de escuta de múltiplas *vozes vegetais* (como foi intitulada a coletânea de artigos e ensaios de diferentes áreas organizada por Oliveira et al.) destacando a potência que este diálogo apresenta para formas alternativas à noção de autonomia e individualidade antropocentradas, bem como crítica a conceitos e práticas exploratórias patriarcais, capitalistas e coloniais. Apontando a urgência de uma outra relação com o planeta e especificamente a escuta das plantas, as organizadoras de *Vozes Vegetais* sinalizam que “vegetar é crescer em contiguidade com o mundo, coabitar lugares, aderir e fazer espaços, engajar-nos com aquilo que nos circunda – ou, antes, nos atravessa” (OLIVEIRA et al., 2020, p. 11-12).

### **Um começo: *quebra-pedra***

As plantas, como a poeira, os mofos e os movimentos de criaturas larvares, presentes em meu processo artístico ao longo das últimas duas décadas, propiciam outras relações multiespecíficas na suposta insularidade do espaço doméstico. Durante a pandemia, a convite de Raquel Stolf, curadora da exposição coletiva online *com uma pedra atrás da orelha*, 2020, no espaço Alfaiataria, Curitiba, desenvolvi uma primeira versão da publicação de artista *quebra pedra* (Imagem 1).



quebra-pedra

quebra-pedra

a planta tem  
uns quatro palmos  
de altura

as folhas  
ovadas  
e ovais  
de verdes  
mais escuro,  
visto de cima  
mais claro,  
visto de baixo,  
e mais  
ou menos dourado  
contra luz e  
conforme inclinação  
minha  
da  
ou do vento

junto de cada folha  
na ponta  
de uma haste mínima  
que eu não imagino conseguir  
segurar entre os dedos  
porque muito curta  
e muito fina  
de menos  
de um centímetro  
talvez  
algumas viradas para cima  
outras para baixo  
pequenas flores

Imagem 1. Capa e primeira página. Aline Dias, *quebra pedra*, 2020, publicação de artista. 1ª versão, formato pdf, exibida na exposição online *com uma pedra atrás da orelha*. Arquivo da autora.

Este poema-publicação compreende um percurso narrativo em 24 páginas. A escrita começa com um primeiro movimento de atenção que se detém na planta que intitula o trabalho e conduz a observação e reflexão sobre as zonas de contato entre a planta e a palavra que lhe dá nome, relacionada a suas propriedades terapêuticas e sua resiliência a condições adversas. Observando a coabitação circunstancial de uma quebra-pedra que nasce desavisada no mesmo vaso de uma buganvília, o poema se desdobra no nome desta planta vizinha e no resgate histórico da contribuição da botânica Jeanne Baret, primeira mulher a integrar uma viagem de circunavegação responsável pelo deslocamento da planta do Brasil para a Europa no século XVIII (Ridley, 2015). Percorrendo os sentidos de seus nomes, encontros e histórias de relações entre a planta e seu ingresso na taxionomia botânica, o poema se move *por expansão*, como afirma Ponge (2000), indicando algumas das conexões entre plantas e mulheres na produção artística e científica.

Entre 2022-23 o poema foi retomado visando desenvolver uma versão impressa (Imagem 2), que amplia e reedita a primeira versão em formato pdf exibida na mostra online. Para a publicação, foram mobilizados procedimentos digitais (mediante a editoração e impressão a laser do texto do miolo) e artesanais (com produção manual dos 43 exemplares, costurados um a um). E, notadamente, recorri à produção de uma capa com baixo-relevo, acompanhado de imagem fotográfica adesivada e título composto e impresso com tipos móveis na oficina tipográfica Papel do Mato, contando com a preciosa participação do escritor e tipógrafo

Cristiano Moreira, do designer Jakson Chiappa e do artista Diego Rayck. Concomitante ao processo de edição, impressão e produção artesanal desta reduzida tiragem, venho apresentando reflexões sobre o processo, numa escrita-leitura intitulada “Quebra pedra e traças, reflexões de um estado insular”<sup>iii</sup>.

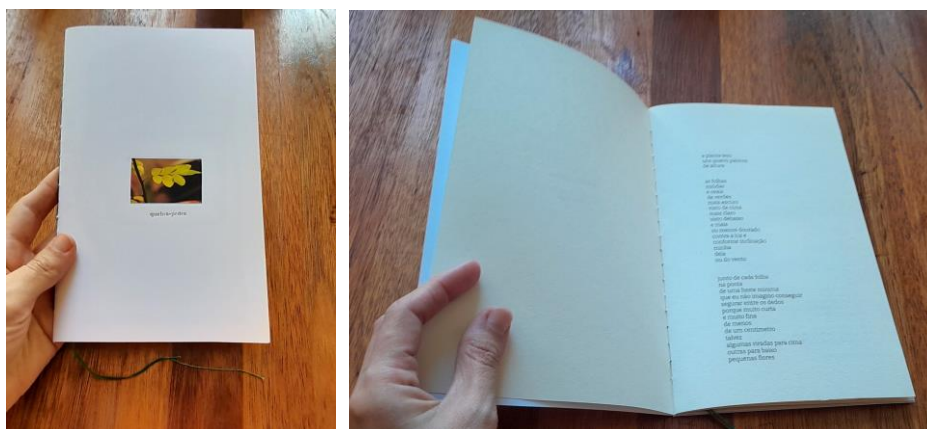


Imagem 2. Aline Dias, *quebra pedra*, 2023, capa e miolo da publicação de artista. Fotografia e Arquivo da autora.

### **Acompanhando: *poemas com as plantas***

Assim intitulei o conjunto de poemas desenvolvidos a convite da artista Raquel Garbelotti para a publicação *invasoras*<sup>iv</sup>. Neste projeto, Garbelotti se deteve em espécies encontradas e mapeadas na Ilha da Pólvora, na cidade de Vitória, também uma ilha – o que faz reverberar os meus espaços (e deslocamentos) de pesquisa e residência entre duas capitais-ilhas: Vitória, onde moro e trabalho desde 2016, e Florianópolis, cidade de minha formação e onde desenvolvi a pesquisa de pós doutorado em 2022-23. A partir das onze plantas catalogadas no seu trabalho e da experiência de acompanhar o projeto, visitando a ilha e conversando com a artista enquanto o trabalho se processava, escrevi *com* seis das plantas incluídas no projeto: beldroega grande (*talinum adans* / maria gorda), cacto (*coleocephalocereus fluminensus backeb*), samambaia (*pteri L.*), pitanga (*eugenia L.*), aroeira (*schinus*), leucena ou deserto verde (*leucaena benth*).

O projeto gráfico da publicação desenvolvido por Rogério Camara envolve um conjunto de catorze pranchas não encadernadas, acondicionadas em um envelope. As pranchas apresentam informações sobre o trabalho, texto curatorial, uma conversa de Raquel Garbelotti com Lucas CM Lopes, consultor botânico do projeto,



imagens da ilha provenientes do Arquivo Público do Espírito Santo. A cada planta foi dedicada uma prancha, tendo em um dos lados uma fotografia impressa em cor da planta coletada pela artista, incluindo suas anotações manuscritas – imagens também exibidas como lambe em situações expositivas do trabalho – e no verso, dados botânicos, imagens fotográficas, desenhos e os poemas das seis espécies com as quais conversei (Imagem 3).

A longa pilha de versos que acompanha as seis espécies estabelece um percurso com a planta. Minha percepção é de que cada planta, neste trabalho, *propiciou* um poema, referenciando a noção da poesia e do cinema como *ofícios propiciatórios* (Helder, 2019). Cada poema narra uma série de atravessamentos pautados na sua observação e tentativa de descrição, das experiências de encontro com as plantas *in loco*, nesta ilha desocupada sendo ocupada pelo projeto artístico mas também acionando memórias de suas ocupações prévias, relatos, usos e, notadamente, personagens, biografias e fragmentos de livros e filmes acionados na/pela minha atividade associativa de leitora-espectadora.



Imagem 3. Publicação *invasoras* (Garbelotti, 2021), verso das prachas 01 e 06. Arquivo da autora.

Da experiência de uma ilha que se percorre ao redor de outra ilha, proponho uma conversa com o cacto e a insularidade, aproximando fragmentos de trabalhos de Robert Smithson e a ilha submersa que deixou o nome da cidade em que nasci. Da presença de samambaias pendendo entre os azulejos da construção médico-disciplinar em ruínas, remonto a memória do filme e poemas de Forough Farrokhzad



e a palavra guarani do que cresce se contorcendo em espiral. Faço um inventário das pitangas que plantei em vasos em apartamentos e quintais e deste plantar(-se) tento abordar a relação entre escrita-filme-plantas-mulheres no desejo de Mahdokht, uma das protagonistas do livro *Mulheres sem homens* de Shahrnush Parsipur e da adaptação fílmica produzida pela artista Shirin Neshat, em cinco vídeos (2004-2008) e posteriormente em um único filme (2009). A aroeira é narrada com vislumbres de safra colhida em comunidade quilombola e de como as plantas nos lembram que os mais voláteis acontecimentos nos afetam. Com ela, o poema menciona também a relação que a escritora Anne Carson tece em *O Método Albertine* atentando à aproximação entre a vida sexual das plantas e o desejo feminino, em sua ácida e aguçada visita a Albertine, protagonista do romance de Marcel Proust – cujo parentesco com as plantas dormideiras permite retomar a poesia *A mimosa* de Francis Ponge e o experimento científico acerca da memória das plantas comentado por Mancuso. O primeiro poema emerge com leucena, a mais impactante presença verde na ilha, que vem formando insubordinada uma longa alameda na construção arquitetônica abandonada. Com ela, o poema sublinha as estratégias de dispersão das sementes e a potência de ocupação da ilha, a despeito das noções de imobilidade e isolamento. Das palavras invasoras e pioneiras e da afirmação do que vive, o poema com leucena colide com os alarmantes dados de desmatamento no país que indicaram o número de 24 árvores derrubadas a cada segundo no ano pandêmico de 2020.

Como os contágios entre produções artísticas e plantas, as relações entre a escrita dos poemas e as referências de filmes e livros envolvem não apenas produções textuais de caráter descritivo, analítico, antecipatório-projetivo ou à distância de uma exterioridade crítica, mas incluem espaços relacionais e dinâmicas que margeiam e atravessam imagens lembradas-desejadas-projetadas no espaço discursivo que as constitui.

### **A árvore que não está lá**

Entre ilhas, plantas e as mais rasteiras vivências nas ruínas (e)do espaço doméstico, o processo artístico assimila formas de atenção e temporalidades dissonantes ao regime de percepção dominantes. Em uma casa, como em uma ilha, estão



implicadas relações que configuram um espaço irremediavelmente poroso. Da janela do apartamento onde morei de 2016 até meados de 2021, vi uma árvore sendo cortada. Em uma manhã, do ponto de vista do décimo andar de um prédio, observei a frondosa árvore encarregada de sombrear o pátio de uma escola de educação infantil pública sendo destruída.

O vídeo *de vermes e vôos*, 2020 (Imagem 4) foi formulado com a artista Julia Amaral como uma tentativa de estarmos juntas, mediadas por conversas telefônicas, videochamadas e compartilhando arquivos de imagens, textos e áudios de nossas casas, com mais de 1700km entre. Estas imagens e palavras tentaram narrar os atravessamentos entre nossos processos artísticos em diálogo com a leitura de Anna Tsing e as experiências cotidianas no período da pandemia ao redor de insetos, pássaros, larvas, mofos e outros visitantes e habitantes dos espaços-processos domésticos (e de domesticação) em que vivemos (e agimos). O vídeo afirmou-se como híbrido entre apresentação-acadêmica-e-trabalho-artístico<sup>v</sup> e argumentamos que – recusando as premissas que apartam casa-mundo –, um inseto, uma larva e outras criaturas deixam de ser compreendidos como intrusos que sujam e estragam, mas habitantes-visitantes que compõem conosco o espaço e a quem, numa torção, investimos atenção e propulsionam a produção de imagens-encontros (Amaral; Dias, 2022).



Imagem 4. Aline Dias e Julia Amaral. *De vermes e vôos*, 2020, still do vídeo, 18min. Arquivo da autora. Disponível em: <https://vimeo.com/444760462> Acesso 11 jul. 2023.

Neste vídeo, conto dos nós que desfiz na tela da janela para filmar o pátio da escola, a central elétrica e o prédio-estacionamento de carros vertical no centro da cidade e



a mata ao fundo. Não escrevi da árvore, embora estivesse com ela também, sem saber que nos meses seguintes ela seria esquartejada.

olho  
o lugar onde  
a árvore não está

não olhar a janela  
mudar de apartamento  
não muda isso

Estes seis versos que compõem o conciso poema foram compostos por mim com tipos móveis (Imagem 5) e, como a capa de *quebra-pedra*, impresso por Cristiano Moreira na oficina tipográfica Papel do Mato em 2022. Utilizando papel de desenho, na modesta dimensão de uma folha A5 dobrada, o poema será acompanhado por um desenho em nanquim de Diego Rayck, colaborador do trabalho, tendo uma imagem do vídeo com que acompanhei o processo de aniquilamento da árvore como referência. O trabalho compreende ainda uma série de imagens videográficas e fotográficas (Imagem 6) produzidas a partir da observação da árvore e da sua ausência.

Esta publicação integra um conjunto de poemas impressos nesta reduzida escala a partir da experiência de compor com a materialidade, o peso e a vagarosa temporalidade de uma oficina tipográfica, cujo impacto e ressonâncias serão abordadas futuramente em outro ensaio.



Imagem 5. Aline Dias e Diego Rayck, *sem título – árvore*, 2022-3, publicação de artista em processo, plaquete com 15x10cm. Fotografia e Arquivo da autora.



Imagem 6. Aline Dias. *sem título – árvore*, 2023, série fotográfica em processo. Fotografia e Arquivo da autora.

### **Ler-escrever-editar-publicar como práticas artísticas e metamórficas**

A escrita destes poemas se relaciona em muito com a produção fílmica que venho desenvolvendo, patente tanto no uso recorrente de planos estáticos e silenciosos de longa duração quanto pela imersão das protagonistas em atividades de escrita, sono e leitura em trabalhos como *O casamento de Clarice e Bataille*, com Julia Amaral, 2017, *ela dorme*, 2019 e *ela lê*, 2020 (Dias, 2022). Estas formas de contato entre filme e escrita e as estratégias de captação e de montagem adotadas repercutem nos potenciais aprendizados de lentidão, concentração e (i)mobilidade, assim como escutas e prolongamentos do mundo vegetal. Características que são acionadas e propostas aos espectadores como reação ao ideário moderno de aceleração, crescimento e progresso, bem como os regimes de distração e esgotamento da cultura digital contemporânea.

Tenho pensado no processo de escrita-edição dos poemas, assim como de sua leitura, como uma espécie de caminhada, no que ela envolve de alternância entre



mobilidade e pausa atenta. Anna Tsing aponta que “caminhar é a velocidade do prazer corpóreo e da contemplação” (TSING, 2015, p. 180), acrescentando que é também a melhor velocidade para procurar cogumelos. Uma passagem do texto “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras” me chama atenção como relato preciso das qualidades da procura e da caminhada como estabelecimento de relações com um lugar. A pesquisadora destaca que além do acaso e da dádiva dos encontros fortuitos, “a melhor forma de encontrar cogumelos é sempre voltar aos lugares onde você os achou antes”. A observação das relações entre seres e a renovação dos encontros produz o que Tsing chama de “lugares familiares”, compreendidos pela autora como “o início da apreciação das interações multiespécies”, na qual se baseia o forrageamento (TSING, 2015, p. 181).

Neste sentido, lendo indícios das relações contextuais, cada encontro passado sinaliza e guarda a potência de outros possíveis futuros encontros. Cada percurso mobiliza a experiência de sua duração, encontros e associações, acionando memórias e projeções intencionais e involuntárias. Este processo parece descrever a prática da leitura e da escrita. Como na montagem de filme/vídeo, os poemas envolvem a construção de um ritmo. As escolhas dos pontos de corte – definindo passagens de um plano a outro – ressoam nas quebras de linha de um verso a outro e na potência do espaço intersticial que separa-e-conecta os versos. Cada poema envolve um processo de coleta pautado em encontros e no que se desdobra destes encontros com plantas, assim como um laborioso trabalho de reescrita e de edição, retomando inúmeras vezes os mesmos trechos, trocando e ajustando as palavras e suas posições na montagem textual. Esse processo continua e se expande nas escolhas materiais numa justa medida de como a escrita toma forma e também se transforma nos seus recursos gráficos e editoriais, tendo em vista que os poemas são produzidos artesanalmente e auto-publicados pela artista em edições de tiragens reduzidas.

Os poemas-publicações envolvem uma atenção e uma dimensão mutável e transformadora que dialoga com a noção de uma prática metamórfica não apenas na leitura-escrita, mas igualmente na edição-publicação. No livro *No tempo das catástrofes*, Isabelle Stengers sublinha o poder das palavras, sejam como narrativas



de ordem que enclausuram o pensar e que precisam ser caladas para ouvir outros saberes, sejam como produção de formas que ‘chacoalham’ velhos hábitos. A autora defende a noção de comunidade, de cuidado e situa a aversão moderna a termos como desaceleração, recuo, limitação, atraso, decrescimento, suficiência, sublinhando a necessidade de uma *ecologia política de frenagem* (STENGERS, 2015). Na crítica à aceleração nos âmbitos de produção, trabalho, cotidiano e circulação, há um aprendizado a fazer com as plantas e suas formas radicalmente outras de memorizar e comunicar, destacando a atmosfera que produzem e como, nela imersos, é que respiramos.

## Referências

- AMARAL, Julia; DIAS, Aline. Insetos, mofos e vermes: aproximação entre vida doméstica e práticas artísticas. **Revista Feminismos**, v. 10, p. 1-12, 2022.
- CARSON, Anne. **O método Albertine**. São Paulo: Jaboticaba, 2017.
- Coccia, Emanuele. **A vida das plantas**. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.
- Coccia, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.
- DIAS, Aline; Rayck, Diego (orgs.). **Escrita em artes**. Vitória: Edufes, 2020.
- DIAS, Aline. Quando eu leio, respiro. **Palíndromo**, Florianópolis v. 13, n. 31 p. 24-42, set 2021.
- DIAS, Aline. ela dorme (ao redor do sono); ela lê (sem contorno: como a água). In: **31º Encontro Nacional da ANPAP - EXISTÊNCIAS, 2022**, Recife. Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP [Recurso digital].. Recife - PE: ANPAP, 2022.
- DIAS, Aline. poemas com as plantas. In: GARBELOTTI, Raquel. **invasoras**. Vitória: Cousa, 2021, p. 8-25.
- GARBELOTTI, Raquel. **invasoras**. Vitória: Cousa, 2021,
- HELDER, Herberto. Cinemas. In.: Pedrosa, Celia; Leone, Luciana di; Frias, Joana. **Uma espécie de cinema**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- LOPES, Adília. **Dobra**. Poesia reunida. Lisboa: Assírio Alvim, 2009.
- MANCUSO, Stefano. **A planta do mundo**. São Paulo: Ubu, 2021.
- MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**. São Paulo: Ubu, 2019.



NESHAT, Shirin. **Women Without Men/Zanan-E Bedun-E Mardan** (Mulheres sem homens) [73min] Dir. Shirin Neshat, Essential Filmproduktion. Iran, 2009.

OLIVEIRA, Joana Cabral de, et al (orgs.). **Vozes vegetais**. Diversidade, resistências e histórias da floresta. São Paulo: Ubu, 2020.

PARSIPUR, Shahrnush. **Mulheres sem homens**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PONGE, Francis. **O partido das coisas**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

RIDLEY, Glynis. **O segredo de Jeanne Baret**. São Paulo: Europa, 2020.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Caderno de leituras n.62. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha** v.17, n.1, p. 177-201, jan./jul., 2015.

## Notas

---

<sup>i</sup> O projeto *escrita em artes* é desenvolvido desde 2021 como projeto de extensão ProEx UFES dando continuidade ao projeto de ensino precedente, realizado entre 2017 a 2020, integrante do Programa Institucional de Apoio Acadêmico PROGRAD UFES, ambos em parceria com Diego Rayck, contando também, mais recentemente, com colaboração de Gisele Ribeiro. No contexto deste projeto, destaco a co-organização das publicações: *Escrita em artes; como um tigre que ruminasse, É perigoso, ela avisa* e a produção em curso no blog *escrita em artes* (<https://escritaemartes.wordpress.com/>)

<sup>ii</sup> Uma primeira e tateante reflexão sobre este tema foi publicada no blog *escrita em artes*, em duas partes intituladas respectivamente: *Metamorfose: tenho raízes mas sou fluida* publicada em 02 de outubro de 2020. Disponível em <https://escritaemartes.wordpress.com/2020/10/02/aline-dias-parte-1-floresta-tenho-raizes-mas-sou-fluida/> Acesso: 11. jul. 2023 e *Metamorfose: na floresta é impossível ficar igual a si mesmo* publicada em 05 de março de 2021. Disponível em <https://escritaemartes.wordpress.com/2021/03/05/aline-dias-parte-2-metamorfose-naflorestaeimpossivelficarigualasimesmo/>. Acesso: 11 jul. 2023.

<sup>iii</sup> Apresentada oralmente nos eventos *Escutar a escrita*, Universidade Federal do Espírito Santo, fevereiro de 2023, cuja publicação encontra-se no prelo e *Processos de escrita literária e criação artística*, mesa integrante do X Seminário PPGLit: *Desafios e dilemas da pesquisa acadêmica em Literatura*, Universidade Federal de Santa Catarina, abril de 2023.

<sup>iv</sup> *Invasoras* integrou o projeto *Ocupação não sair até o rojão estourar* (Garbelotti, 2021) realizado com recursos da Lei Aldir Blanc em 2021 na Ilha da Pólvora, Vitória ES. Desde a década de 1920 a ilha sediou o Hospital de Isolamento Oswaldo Monteiro, até 1990 quando foi desativado.

<sup>v</sup> *De vermes e vôos* foi apresentado na mesa *Ensayos poéticos-escriturales: la imaginación en la construcción de ficciones políticas feministas, antirracistas y anticoloniales*, coordenada por Paola Marugán e Damiana Bregalda nas XIV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana, JALLA México 2020, *Mundos animales, mundos vegetales, cuerpos y ánimas en la Tierrano*. Posteriormente foi exibido na mostra *Abissais*, financiado pela Fundação Catarinense de Cultura através do edital #SCulturaemSuaCasa. Concomitante a produção do vídeo, escrevemos em co-autoria o artigo

32º  
Encontro  
Nacional  
da *anpap*.



---

“Insetos, mofos e vermes: aproximação entre vida doméstica e práticas artísticas” (Amaral, Dias, 2022).